ANNO 4.º | Sexta-feira, 4 de Agosto de 1911 | NUMERO 181

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSIGNATURAS (pagamento adiantado)

Anno (Portugal e colonias) . . . . . . 1$200 réis
Semestre . . . . 600 réis
Brazil e estrangeiro (anno) moeda forte . . 2$500 réis
Avulso . . . . 20 réis
REDACÇÃO E ADMINISTRACÇÃO, R. Direita, n.º 108

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO
(*)
Propriedade da Empreza do DEMOCRATA

Officina de composição, Rua Direita—Impresso na typographia de José da Silva, Largo do Espirito Santo

ANNUNCIOS

Por linha . . . . 40 réis
Communicados . . . . 20 réis
Annuncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

A bandeira nacional e a disciplina no exercito

Pela secretaria da Guerra foi expedida a circular que n'outro logar publicamos, contendo as mais sensatas e opportunas instrucções sobre a disciplina no exercito, e o culto da bandeira nacional.

Applaudimos calorosamente a doutrina da circular que vem trazer ás nossas instituições militares o prestigio de que tanto necessitam para bem desempenharem a sua missão; prestigio que provém da educação, tão indispensavel a quem tem de preparar o exercito portuguez,e da verdadeira disciplina que conduz ao rigoroso cumprimento do dever.

Recommenda o mais religioso respeito pela bandeira nacional, que nunca deverá ser desfraldada senão nas occasiões solemnes, e sempre com o acatamento que deve ser consagrado ao symbolo querido da Patria.

Cohibe o canto da *Portugueza* a não ser em occasiões de grande solemnidade, para que esse canto não faça desapparecer o respeito que a todos nós deve merecer o novo **hymno**.

E' a sã doutrina que tantas vezes temos defendido nas columnas d'*O Democrata*.

O culto da bandeira nunca teve no nosso paiz, e principalmente em terras de provincia, a alta significação que a circular lhe attribue, e que é necessario que tenha, para que n'esse exemplo da mais commovente homenagem, nós affirmemos sempre a sublime aspiração da nossa independencia, o direito supremo da nossa soberania.

E esse respeito pela bandeira não se adquire, empunhando-a em toda a parte e conduzindo-a por entre grupos de individuos sem disciplina e sem ordem; esse respeito, que deve ser ferveroso, adquire-se, fazendo conhecer ao povo o seu patriotico significado, e reprimindo, venham d'onde vierem, todos os excessos de homenagem que nos ultimos tempos teem degenerado na mais criminosa das indifferenças por esse pendão que é a imagem viva da nossa Patria.

A parte da circular que recommenda a mais absoluta disciplina no exercito, não é menos digna do nosso mais caloroso applauso.

Se a ordem e a disciplina são necessarias em todas as sociedades, nas instituições militares constituem a condição primordial da sua existencia.

Sem disciplina, o exercito, que devia representar a garantia do socego publico e contribuir para o bem estar social, seria um perigo a embaraçar a cada passo o nosso desenvolvimento economico, seria uma ameaça constante á integridade nacional. E assim o comprehende o illustre ministro da guerra que promette ser enexoravel para os que não cumprirem ou fizerem cumprir o disposto na sua circular.

E é sobretudo aos commandantes dos corpos, como não podia deixar de ser, que elle impõe a responsabilidade pelo exacto cumprimento da sua doutrina.

Ainda não ha muito, que na Assembleia Nacional Constituinte, a voz auctorisada do vigoroso deputado João de Menezes, protestava contra o facto de uma determinada classe *responder* pela fidelidade d'um dos corpos do nosso exercito, quando é aos commandantes e *só* aos commandantes dos regimentos, que se deve impôr a responsabilidade pela falta do cumprimento do dever dos seus subordinados.

E' esta a verdadeira doutrina que com o mais intenso jubilo nós vemos expandida na circular da secretaria da Guerra.

Para os que exercem as funcções do commando *todo* o apoio, mas tambem *toda* a responsabilidade.

Já, n'este momento, devem estar á frente das differentes unidades do exercito, officiaes sincéramente republicanos.

Aquelles que não mereciam uma confiança absoluta, devem ter sido affastados das funcções de commando de tropas. Pois bem; dentro dos quarteis, não mais *comités revolucionarios*, nem mais *carbonarios*. A epocha revolucionaria passou.

Cada militar passou a desempenhar, de facto, as funcções inherentes á sua hierarchia.

Já não ha inferiores a espionarem, e quem sabe se a desvirtuarem as intenções dos chefes, ou a responsabilisarem-se pela fidelidade das tropas!...

Cada um occupa o logar que de direito lhe pertence,—e estamos bem certos que não mais voltarão os militares de differentes cathegorías a apresentarem pretenções, directamente, ao proprio ministro, como premios de serviços prestados.

Os chefes serão os unicos competentes para avaliar da justiça das pretenções dos seus subordinados.

Assentes estes principios, a disciplina militar será um facto, e o exercito portuguez continuará a affirmar com o mais sublime exemplo de obediencia e de ordem, o seu grande amor pelo rejuvenescimento da Patria.

L. M.

O Democrata—vende-se em Aveiro, no kiosque da Praça Luiz Cypriano.

CONSPIRANTES

Os cabecilhas traidores

UMA PROVA DA TRAIÇÃO

Carta lida á Assembléa Nacional Constituinte, pelo Ministro do Interior na qual o infame e renegado Couceiro pede agitações e conflictos para *atrapalhar* o governo, podendo assim, e de parceria com alliciados estrangeiros, invadir a nossa Patria:

Ex.mo Sr.—As declarações da grande maioria do clero que leio nos jornaes levam-me a suppôr que ahi se prepara uma resistencia contra a tirannia demagogica que nos domina. E como a união faz a força, dirijo-me a V. Ex.ª para lhe perguntar se não se lhe afigura vantajoso tratarmos de um entendimento.

Seria bom, parece-me, a conjugação de esforços, quer com respeito á fórma de acção, quer com respeito a momentos de actuar.

O golpe que aqui se prepara convém precedel-o por agitações e conflictos, *por fórma que não provoquem repressões violentas desde logo, mas dêem a ideia (aliás verdadeira) de que todo o paiz se encontra em estado revolucionario latente, e* **incommodem e atrapalhem o governo e introduzam portanto a confusão, a hesitação,** *o enfraquecimento nas medidas de defeza que elle está procurando adoptar.*

Visto a altura em que temos os nossos preparativos, **essas agitações e conflictos locaes** *podiam ir principiando desde já; e em tal sentido escrevo hoje, mesmo, a alguns influentes do Norte.*

Se V. Ex.ª concorda, peço a sua valiosissima cooperação e impulsão n'este sentido. Sou com a maior consideração e sympathia

De V. Ex.ª
Admirador e amigo muito abrig.º
(a) **H. Paiva Couceiro**

Coisas & tal

Appoiado!

São do eminente estadista dr. Affonso Costa as palavras que a seguir reproduzimos e com as quaes nenhum republicano pode deixar de estar d'accordo, pelo seu grande significado politico e pela logica que encerram, em tudo dignas do altissimo espirito de quem as proferiu.

Diz Affonso Costa:

«O paiz não pode continuar a viver nem com as leis, nem com os processos, nem com os homens da monarchia. O partido republicano, consubstanciando todas as nobres e justas aspirações nacionaes, está no poder e no poder deve continuar até realisar a parte essencial do seu programma. Os homens de maior prestigio do partido republicano deviam tomar o compromisso de manter uno e indivisivel o partido pelo tempo necessario á sua missão. E a sua missão não pode ser a de proclamar a Republica entregando-a a seguir aos seus inimigos para a desvirtuarem ou trahirem abertamente. **A Republica fez-se para todos os portuguezes, mas os republicanos, que o eram antes de 5 de outubro, é que teem de ser os governantes e os outros cidadãos os governados.** E os monarchicos devem considerar-se felizes em serem bem governados, porque isso não conseguiram nunca os republicanos, quando os seus adversarios eram os governantes.»

Não conseguiram nem conseguiriam, acrescentamos nós. Por isso entregar-lhes agora a Republica é o mesmo que lhe abrir a cova e inutilisar por completo toda a obra dos que se sacrificaram e morreram para a implantar.

Canastras

Chegam até nós rumores de que se tem desenvolvido ultimamente o mexerico e a intriga pelas salas da *aristocracia* d'Aveiro havendo preparado um plano de *boycotage* contra correligionarios nossos, que, a ser posto em pratica, nos levará a zurzir sem dó nem piedade todas as madamas de rosario e bentinhos que n'elle se achem envolvidas.

E' como canta. Não tenham juizo e verão o que lhes acontece...

Tres... ratas

A *Voz da Galicia*, estampando, n'uma das suas paginas, o retrato do antigo director do orgão franquista de Lisboa, *Correio da Manhã*, chama, com enthusiasmo, a Paiva Couceiro, Alvaro Chagas e Homem Christo, *una trinidad gloriosa.*

Bem se vê que andam disfarçados...

Por Agueda

Dizem-nos coisas phantasticas da politica d'este concelho, passadas entre republicanos, franquistas e prediaes, que a serem verdade muito depõe contra os nossos correligionarios envolvidos nas estranhas combinações já do nosso conhecimento.

Dar-se-ha o caso que o poder do mando e da influencia lhes tenha, tambem, subido á cabeça, como succedeu á familia Mellos?

E' o que vamos averiguar.

Nobre attitude

Para d'alguma fórma corrigir os desmandos gananciosos de certos *heroes* da Republica, o illustre militar, Sá Cardoso, fez, nas Constituintes, a declaração seguinte:

«Dias antes de se mallograr o movimento de 28 de janeiro, grande numero de officiaes que n'elle collaboraram, tomaram o solemne compromisso de, caso vingasse a revolução, não acceitarem recompensa alguma. Era eu um d'esses officiaes, e, o não se ter realisado então o que só em 4 e 5 de outubro de 1910 se consumou não foi para mim motivo bastante para mudar de opinião. Por isso, sem desprimor para quem não tivesse tomado egual compromisso e pense por fórma diversa da minha, venho, antecipando-me mesmo á resolução que sobre recompensas a assembléa possa vir a tomar, declarar a v. ex.ª e á camara que não acceito nenhuma outra recompensa, além da que já tenho—a de ter conseguido vêr, havendo para isso contribuido um pouco, implantada em Portugal a Republica, da qual veiu o resurgimento do meu paiz.»

Mirem-se os *heroes*, alguns *heroes*, a este espelho...

Largue o passe

Lemos algures que o pessoal da fiscalisação do transito da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes recebeu ordem da direcção da mesma para apprehender os passes de que, illegalmente, se andam servindo Manoel Homem de Mello (conde d'Agueda), e Gaspar Ribeiro d'Almeida.

Largue o passe, sr. conde, ou puxe pelos cordões á bolsa que o tempo das *borlas* acabou...

Bem dito

Recebemos, ha dias, pelo correio um impresso assignado por certo negociante, algo propenso á celebridade, em que, após a justificação da sua retirada d'Aveiro no momento de ser procurado para prestar declarações ácerca da conspiração monarchica e dos conspirantes aqui descobertos, diz:

«Isto de *conspiradores á força* já vae causando um certo nojo que ainda vem a cahir no ridiculo.

Mas o diabo é que nenhum está livre de incommodos nem de trabalhos».

Certamente, embora o negociante em questão o diga sem querer, levado, talvez, pelo receio de que o *nojo* sempre *caia no ridiculo*...

Parece caçoada...

Corrido

Informam de Madrid com data de 1 do corrente:

«A's dez horas da noite de hontem agglomerava-se numerosa gente ás portas do Atheneu, desejosa de assistir á conferencia de Homem Christo, filho.

A entrada não era publica, mas, a pedido do conferente, permittiu-se a entrada livre, subindo para a tribuna publica muitos republicanos, alguns armados de grossas bengalas.

Estava o conferente historiando a politica portugueza contemporanea, parte inicial da conferencia, quando das tribunas foi lançado um retumbante viva á Republica, logo clamorosamente secundado.

O escandalo foi enorme.

Nas tribunas houve troca de bengaladas e bofetadas, tendo de intervir a policia.

Restabelecida a ordem, o presidente recordou o respeito que se devia ao orador e que sempre se concedeu a todos quantos fallaram no Atheneu, sem distincção de ideias, principalmente sendo estrangeiros.

A conferencia proseguiu então. Quando se estava referindo desagradavelmente ao dr. Bernardino Machado, um membro do Atheneu, que occupava um dos melhores logares, levantou-se, dizendo que não consentia se insultasse aquelle illustre ministro da Republica Portugueza, de quem é amigo.

Este incidente originou novo e mais ruidoso escandalo, pondo os vivas e os morras na sala uma enorme confusão.

O presidente, tomando a palavra, disse que nunca no Atheneu se produzira escandalo semelhante e recordou que o conferente se collocara fóra da razão e do direito.

A conferencia foi então suspensa, tendo Homem Christo, filho, de se retirar por entre apupos e insultos.

A policia teve de o acompanhar até á carruagem para impedir que o aggredissem.

Eis no que deu o *terrivel anarchista* que, como o biltre do pae, é a vergonha da terra em que nasceu. O mais bonito, porém, é que muitos o julgaram honesto e sincéro, de raras aptidões litterarias e não menos rara intelligencia, que lhe permittiam um futuro de destaque em qualquer meio intellectual para onde fosse ou mesmo na advocacia se porventura conseguisse formar-se. Mas n'essa não cahiu elle porque, tarado como é, o trabalho jámais o seduziu. Antes viver uma vida arrastada, como aquella que escolhera, vida de expedientes e de miserias; vida errante, vida incerta, praticando *escroqueries* e actos infames, do que trabalhar e produzir coisa de geito, que nobilitasse e nunca deprimisse, que o elevasse no conceito publico e não fizesse d'elle o intrujão que se está vendo, armado *em conspirador monarchico* depois de se ter apresentado como o mais feroz *agitador anarchista!*

Nunca se viu coisa assim.

Tal pae, tal filho.

O "complot" d'Aveiro

Foram no ultimo sabbado removidos para a cadeia do Porto os presos do convento de Jesus pertencentes ao *complot* descoberto contra as instituições. Levou-os, ás 4 horas e meia da manhã, uma força de infanteria 24, commandada pelo sr. tenente Figueiredo e no meio da qual tomaram logar, a dois e dois, sobraçando cada um a sua mala.

A' chegada do comboyo-correio, que os conduziu, muitos passageiros fizeram-lhes uma manifestação hostil, manifestação que depois se repetiu no Porto ao atravessarem as ruas da cidade escoltados como tinham ido até ao caminho de ferro.

Da maneira como ali foram recebidos os 13 indigitados *paivantes*, deu conta a imprensa da capital do norte nos seguintes termos, extrahidos do *Jornal de Noticias:*

No comboyo-correio, chegaram hontem de manhã, a esta cidade, acompanhados por uma força d'infanteria 24, treze individuos que, no dia 5 do cor-

rente, foram presos em Aveiro e alli estiveram incommunicaveis até ao dia 22, e que são accusados de se haver envolvido n'uma conspiração monarchica.

Os detidos são os srs.:

Jayme Duarte Silva, João Luiz Flamengo, Alberto Catalá, Eduardo d'Oliveira Barbosa, Arthur Rocha Trindade, Firmino Fernandes, Ricardo Pereira Campos, Antonio Ferreira, Manuel de Oliveira, Innocencio Fernandes Rangel, Bernardino dos Santos Silva, José Rodrigues Branco e Domingos Pereira Campos.

Foi este ultimo, segundo os outros affirmam, quem os denunciou ás auctoridades d'Aveiro.

Juntamente com os detidos veio o processo devidamente instaurado pelo juiz, sr. dr. Costa Santos, a quem todos aquelles tecem rasgados elogios pela forma como por elle foram tratados durante o tempo em que procedeu ás devidas investigações judiciaes.

*

Tendo desembarcado em Campanhã os treze presos politicos seguiram a pé e em meio da força, que os custodiava, para o quartel general d'onde após uma curta demora foram levados para as cadeias da Relação. Chegados ahi, o nosso amigo sr. José de Souza Rangel, digno director d'aquelle estabelecimento penal, como os presos não se apresentassem munidos da respectiva guia de conducção e além d'isso ainda não estivessem sob a alçada do poder judicial, mas sim viessem dirigidos ao sr. governador civil do districto, foi entender-se com o sr. procurador da Republica o qual mandou que os detidos ficassem recolhidos na cadeia, provisoriamente, emquanto ia conferenciar com o chefe do districto.

Alli se conservaram, pois, os presos, em quartos da *Malta*, desde as 8 horas e meia da manhã até pouco depois das 2 da tarde, hora a que, por ordem do sr. dr. Nunes da Ponte, seguiram para o Aljube.

Quando os presos sahiam da cadeia juntou-se em frente grande multidão de populares fazendo-lhes uma manifestação hostil, pelo que os detidos pediram então para seguirem em trens, o que lhes foi permittido.

Os trens, em numero de seis, seguiram trajectos diversos, afim d'evitar-se manifestações, as quaes, no emtanto, continuaram, pois os populares, dividindo-se em grupos, seguiram os trens. fazendo enorme gritaria de vaias e apupos.

Em frente ao Aljube juntou-se tambem multidão numerosissima, tendo que ser mandado sahir o piquete de guardas civis da esquadra do Governo Civil para a dispersar e acabar-se com as manifestações que alli estavam sendo feitas.

Da cadeia até ao Aljube foram os presos acompanhados por 18 praças da Guarda Nacional Republicana, sob o commando do tenente Tavares.

Em cada trem seguiam trez soldados, sendo um na boleia e dois dentro.

Os treze presos ficaram installados no salão do andar superior do Aljube, que ha tempos, como então noticiámos, foi transformado em uma especie de dormitorio.

Hontem, depois de alli terem dado entrada, já alguns dos presos foram visitados por pessoas de familia e amisade, as quaes, para poderem visital-os teem que munir-se d'um bilhete passado pelo inspector de policia sr. Scevola.

A' parte algumas inexactidões que d'este relato transparecem, como seja, por exemplo, a de se attribuir ao Domingos Campos a denuncia da conspiração em Aveiro, o resto tudo condiz com os outros collegas pelo que nos abstemos de transcrever mais sobre o assumpto.

* * *

Por ordem do sr. ministro da Justiça todos os presos se encontram, n'este momento, na Relação, tendo por companheiros os auctores do crime de Vagos, que ali aguardam, tambem, o dia do julgamento.

Ao João Luiz Flamengo foi imposta a suspensão do exercicio de escrivão substituto, que desempenhava n'esta comarca, sendo nomeado, interinamente, para a vaga, o sr. José Roballo Lisboa.

Nomeações

Recebemos com intima satisfação e alegria a noticia de ter sido nomeado delegado do Procurador da Republica para a comarca da Ilha das Flôres, o nosso querido amigo dr. Joaquim Antonio d'Azevedo e Castro, neto do fallecido Visconde da Silva Mello, e actualmente com residencia na Ilha do Pico.

Joaquim Castro viveu muitos annos em Aveiro creando pelo seu caracter e lhaneza de trato muitas sympathias n'este pequeno meio, que ainda hoje conserva e das quaes nasceram desinteressadas dedicações que, como a nossa, jámais deixarão de existir, pelo menos emquanto nos fôr permittido gosar a vida terrena na sua companhia ou mesmo afastados, como temos estado vai para nove annos.

Ao dr. Joaquim Castro um abraço muito apertado ee felicitações.

= Tambem foi agora promovido a juiz e collocado na comarca de Vimioso, o nosso conterraneo, sr. dr. Elysio Ferreira de Lima e Souza, a quem egualmente felicitamos.

= A desempenhar o logar de administrador do concelho de Vagos, acha-se o nosso antigo correligionario, Francisco Encarnação, que o sr. governador civil indicou para a vaga do dr. Carlos Ribeiro.

A administração de "O Democrata,, roga a todos os assignantes de fóra d'Aveiro, a fineza de mandarem satisfazer os seus debitos enviando as importancias em sellos, vales do correio ou ordem de pagamento, o que agradece.

CUMULO DE CYNISMO

Para justificar as palavras com que encimamos as considerações que nos suggere a leitura d'um agradecimento, *sui generis*, inserto na imprensa local de feição, vamos transcrevel-o para edificação dos nossos leitores e de todos quantos, conhecendo a situação do grupo signatario do referido agradecimento, alguns perdidos, por um, ainda são suggestionados em tão grave conjunctura, sendo esta a força mais demonstrativa e completa do seu cynismo, que pretende e se esforça por manter, defrontado até com a melindrosa e grave situação, que n'este momento atravessa.

Segue-se o precioso documento que vae sem alteração d'uma virgula:

Agradecimento

Perante tão grandiosa manifestação como a que lhes tem sido prestada per todo o concelho de Aveiro após o levantamento da sua incomunicabilidade, se sentem absolutamente gratos os presos politicos do Convento de Jesus.

E na impossibilidade de agradecerem separadamente a todas as pessoas que os vizitaram, a todas deixam aqui exarado e bem patente o seu profundo reconhecimento.

Ha factos na vida que jámais esquecem.

As provas de carinho recebidas de uma tão grande população, contrastando singularmente com as angustias e inclemencias experimentadas já durante estes longos desesete dias, umas e outras ficam bem gravadas na nossa memoria.

A todas as pessoas, pois, que se dignaram cumprimentar-nos, o nosso mais sentido agradecimento.

Aveiro e Convento de Jesus, 28 de julho de 1911.

João Luiz Flamengo
Alberto Catalá
Innocencio Rangel
Eduardo Barbosa
Antonio Ferreira
Jayme Duarte Silva
Ricardo Pereira Campos
Arthur Trindade
Domingos Pereira Campos
Manuel d'Oliveira.

A redacção do que ahi fica mostra sem difficuldade um dos estratagemas do antigo *caciquismo* e mais ainda, uma habilidade do emérito intrujão que o redigiu e que por calculo o não assignou em primeiro logar, para mais apparentar a verdade de quanto diz, pretendendo despretenciosa e indirectamente fazer acreditar na phantastica e *grandiosa manifestação feita por todo o concelho aos presos politicos do convento de Jesus.*

Tão grandiosa na verdade, que ninguem por ella deu!

Mas, estando vinte ou mais individuos retidos, como estiveram, que cada um fosse apenas procurado diariamente por duas ou tres pessoas da sua familia, ahi tinhamos sessenta individuos a procurar o convento e d'ahi as *grandiosas manifestações* dispensadas.

Quantas altas personagens, politicas, financeiras, quantas collectividades, associações, grupos lá deixaram o seu nome consignado no livro dos visitantes?

Grandiosas manifestações feitas a quem?

Ao vadio do Manuel d'Oliveira, por modestia ultimo signatario do agradecimento, que nos tempos do seu trabalho, não passou d'um **gatuno** disfarçado em creado de servir, sendo condemnado por crime de roubo no tribunal d'esta comarca?

Ao Eduardo Barbosa, por quem na terra da sua residencia ninguem nutre a mais leve sympathia, resumindo-se, em Aveiro, a sua importancia e amizade na que lhe dispensava o Firmino Fernandes?

Ao Arthur Trindade e Antonio Ferreira, que lamentamos sinceramente vêr envolvidos em tão triste facto, cuja importancia politica se cifra na amizade dos seus visinhos e freguezes?

Aos celebres manos Pereiras Campos, um entendendo-se na fabrica de telha com meia duzia de operarios e o outro, no seu estabelecimento, com os já dizimados freguezes do chá á meia noite, contando além d'isso com a admiração e fidelidade do padre Pedro e do dr. *Fatia?*

Ao D. Alberto Catalá, fidalgo castelhano, fallando á noite com tres ou quatro mortaes que lhe mereciam essa altissima prova de consideração, excepção feita ao Manuel d'Oliveira, que é correligionario e amigo mais moderno?

Ao Innocencio Rangel, com grande influencia, como a gordura, entre os seus bons visinhos de Arada?

Ao Flamengo, que tão impensadamente comprometteu o pão da familia, mettendo-se n'essa triste aventura, sem outro resultado mais do que aquelle até agora obtido, recebendo dos contendores, em juizo, as salgadas custas dos respectivos processos e suggestionado por falsas recompensas, antegozando, por isso, o seu futuro logar de juiz, quando triumphasse a conspiração e a monarchia?

Ao auctor do agradecimento e principal heroe de toda esta triste tragedia, Jayme Duarte Silva, com que elle entendeu dever coroar toda a sua vida d'apostata, de crapula, de cynismo e de infamissimo traidor?

Seriam as visitas dos srs. Jayme de Magalhães Lima e Gustavo Ferreira Pinto Basto, aquelle chefe e este victima voluntaria do franquismo, que levaram os signatarios do agradecimento a classifical-as de *grandiosa manifestação?!*

Tambem não; não só porque esses dois cavalheiros não pódem ter a estulta pretenção de,presentemente, representarem o concelho, como ainda apreciados, separada e individualmente, os subscriptores do já lendario agradecimento, nenhum d'elles possue nem meritos, nem influencia, para merecer de *todo o concelho d'Aveiro* tão *grandiosa manifestação* que, se tal fosse verdade, implicaria por certo o applauso e apoio moral ao seu acto infame e anti-patriotico, o que por todos os principios é absolutamente impossivel.

A intenção malevola, porém, que se procura demonstrar com o agradecimento, é essa.

A impressão que se pretende imprimir no espirito do leitor despreoccupado, é que a obra tentada por esses miseraveis, verdadeiramente responsaveis por tão grande crime, tem o applauso e a convivencia dos habitantes, demonstrada na *grandiosa manifestação de todo o concelho de Aveiro e nas provas de carinho recebidas de tão grande população!!!*

Mas com admiração geral, nota-se que a *grandiosa manifestação* não attingiu Firmino Fernandes, implicado no mesmo crime e preso politico no convento de Jesus, como aquelles distinguidos por ella.

Porque?

Porque razões e com que auctoridade os seus companheiros o desclassificaram tão ferozmente, intitulando-se, só elles, inclusivé o Manuel d'Oliveira, com a camaradagem do qual parecem ufanar-se, de—*presos politicos?*

Então o Firmino Fernandes não está em absoluta egualdade de circumstancias?

Que cynico e que cynismo!

E' a primeira represalia que soffre Firmino Fernandes do seu *velho amigo* que antes de comprometter-o, o sentava á sua meza, fumando juntos e divagando sobre a proxima victoria e distincções com que a conspiração distinguiria os seus servidores!

O fim a que se destinava o famoso agradecimento, desfez-se como bola de sabão assim como, da mesma fórma, o que se preparava para o bota-fóra, que, mettido em ensaio, logo foi reconhecida a absoluta impossibilidade de subir á scena.

Loucos e imbecis!

Não querer acceitar o existente, recusar-se, por inutil e perigosa teimosia,a reconhecer a vontade soberana da nação, attinge as proporções da loucura.

E n'isto estão a reduzir-se as grandes espertezas e habilidades do triste heroe e advogado da rua do Sol... — sem luz!...

A todos, que ponderam como patriotas e bons portuguezes os destinos da Patria, não lhes passará desapercebido o cumulo do cynismo d'aquella fatidica creatura, que, defrontada com uma tão grave quanto escura situação, apparece auctor de tão triste e manhoso documento.

Mas mais teremos que vêr para desgraça d'elle e admiração nossa.

BATALHÃO DE VOLUNTARIOS

Na ultima quarta-feira, recebeu a sua costumada instrucção o Batalhão de Voluntarios, quasi na sua totalidade e devidamente uniformisado.

O illustre coronel commandante d'infanteria, passou revista aos Voluntarios pronunciando,a seguir, uma breve allocução, enaltecendo o acto de civismo e de amor patrio que a organisação dos voluntarios significava.

Disse ufanar-se passando aquella revista e que se engrandecia como portuguez e como soldado pelo alevantado gesto dos que ali estavam empenhando-se para que disciplinar e obedientemente, com cohesão e conhecimento podérem defender a patria, a patria que nos viu nascer, onde constituimos o lar e creámos familia, sob o lindo azul do seu céo sereno, onde temos amigos e queridas recordações da nossa infancia saudosa.

O gesto nobre e patriota d'esses homens que o escutavam, profundamente o emocionava e commovia, por quanto significava uma demonstração bem genuina e rasgadamente portugueza, d'esta grande e altiva raça da qual toda a sua historia era uma assombrosa epopeia. Como terminaram os exercitos mercenarios e hoje é manifesta a ideia para extinguirse os exercitos permanentes, torna-se necessario que todo o cidadão seja um soldado, armando-se a nação-inteira. Qualquer nacionalidade assim defendida não pode nunca desapparecer, não pode jámais ser humilhada.

Conquistada a patria d'hoje a ponte da espada, foi desde então absolutamente impossivel dividil-a ou vencel-a,porque nunca consentimos que ninguem invadisse as nossas fronteiras. E' certo, porém, que em 1640 e nos principios do seculo passado o inimigo conseguiu dominar, pizando o solo querido de Portugal; mas o amor da patria accordou no coração de todos o dever a cumprir e eil-o sacudido e rechaçado, levado á ponta da bayoneta até dentro da propria França!

Via orgulhoso e satisfeito que os seus officiaes, evitando o repouso reparador do arduo serviço do quartel, aproveitam-no dispensando o ensino ao Batalhão dos Voluntarios.

Queira Deus—exclama o illustre militar—queira Deus que não sejam precisos os serviços dos devotados voluntarios que o escutam.

A Republica, absolutamente consolidada na representação das suas Constituintes que significam os votos demonstrativos da vontade da nação, assenta firmemente no peito de todos nós e d'aquelles que, como os Voluntarios d'Aveiro, no momento preciso, a defenderiam na localidade, na fronteira, onde, emfim, fosse preciso, offerecendo para isso o seu esforço, a sua vida, o seu sangue.

Inuteis os seus prestimos e o seu valor podiam, todavia, contar com elle para quanto fôsse preciso e aos srs. officiaes pedia que o prevenissem quando o batalhão estivesse completamente uniformisado porque esperava que o sr. general de divisão ali viesse passar-lhes tambem uma revista e bem medir mais esta prova de abnegação e amor pela Patria, nunca desmentida na raça portugueza, entre os bons portuguezes.

Muitos officiaes, paisanos e praças que cercavam, como nós, o distincto militar, applaudiram, palmeando, a brilhante oração que tanto calou no espirito dos que a ouviram, especialmente pela firmeza de tom e notavel convicção com que foi proferida.

O batalhão, que estava armado e de cinturão com a respectiva bayoneta, saiu depois em passeio até ao Rocio, onde fez algumas e rapidas evoluções, recolhendo perto da noite ao quartel, n'uma marcha firme e precisa, de verdadeira força disciplinada.

Honra seja aos briosos rapazes—alguns já de cabellos brancos, é certo, mas que lhes não apagam por isso o ar marcial e aspecto viril de verdadeiros moços e não menos verdadeiros soldados.

Conferencia

Na freguezia de Requeixo realisa no proximo domingo, pelas 2 horas da tarde, uma conferencia publica sobre a melhor fórma de atenuar os desastrosos effeitos da *grama* que está invadindo os arrozaes e em geral as terras baixas e innundaveis, tornando assim, por anti-economica, a sua cultura, o agronomo d'este districto, sr. Perdigão.

Escusado será encarecer o alto alcance d'esta conferencia á qual devem ir assistir não só todos os lavradores do importante logar como ainda aquelles que pela sua intelligencia possam depois explicar aos menos cultos o que porventura estes não tenham percebido a fim de pôrem em pratica, sem perda de tempo, o que tão util lhes deve ser.

Padre Oliveira Moraes

Deixou-nos o illustre capellão de infanteria 24 para ir prestar serviços em Lisboa, no districto de reserva. Com magua o noticiamos porque o padre Oliveira Moraes era d'aquelles com cuja amizade todos os seus camaradas e nós, republicanos, nos orgulhávamos, attentas as suas bellas qualidades de caracter e encendrado amor por esta Patria e pela Republica, que elle em toda a parte exaltava e muito principalmente nos comicios e conferencias em que collaborava, imprimindo, com a sua palavra auctorisada de padre liberal, o respeito que ás novas instituições é devido quaesquer que sejam as crenças religiosas de cada um, e que alguns espiritos eivados do caciquismo, tão mal comprehendiam. O padre Moraes fez falta á propaganda republicana d'esta região porque era um conferente de valor, uma voz que se ouvia com agrado, sempre prompto a ir onde preciso fôsse em holocausto da causa que defendia e defende, sem olhar a sacrificios.

Por tudo, pois, lamentamos a sua sahida d'Aveiro, mas sem deixar de lhe desejarmos todas as felicidades de que é digno.

Disciplina militar

Uma circular do ministerio da Guerra ás divisões militares.

As revoluções de caracter politico, por mais nobres que sejam os seus intuitos e por maior generosidade que mirem os seus fins, produzem sempre, em todos os organismos das sociedades em que actuam, uma convulsão intensa que vae perturbar temporariamente toda a sua vida social e economica.

A revolução de outubro de 1910, tão heroica e gloriosa e da qual resultou o memoravel facto—a proclamação da Republica Portugueza, — não obteve portanto subtrahir-se a essa fatal lei sociologica, apesar do aspecto cheio de magnanimidade que apresentou e não obstante o procedimento inexcedivelmente humanitario e elevado que seguiu. Assim é que, a par das conquistas, melhoramentos e progressos realisados, teve como uma das suas resultantes, felizmente das de menor intensidade, uma certa indisciplina social da população portugueza e consequentemente um certo affrouxamento na disciplina militar.

Ainda que seja para lastimar, não é censuravel a anormalidade que se tem notado na disciplina militar, visto ter sido motivada tão sómente pela força das circumstancias e pelas consequencias naturaes dos acontecimentos politicos e nunca pelo proposito ou desejo dos officiaes e mais graduados que, orientados sómente pela fé patriotica, dedicação á Republica e amor ás instituições militares sempre procuram manter no exercito aquella disciplina, rectidão, ordem e austeridade, que são a base primordial do respeito e prestigio da força armada.

Cessaram, porém, todas as causas que temporariamente perturbaram a vida social e economica do nosso paiz, terminou o periodo dictatorial do Governo provisorio, funcciona com regularidade a Assembleia Nacional Constituinte, razões estas porque a bem dos supremos interesses nacionaes é necessario e inadiavel que sob todos os aspectos e debaixo de todos os pontos de vista a normalidade se estabeleça na sociedade portugueza e, consequentemente, que o afrouxamento da disciplina militar desappareça de uma forma completa e terminante, visto que já nada o justifica nem o defende, a não ser uma demasiada fraqueza ou uma exagerada benignidade.

Torna-se forçoso e indispensavel que a bem do paiz, em proveito do bom nome do exercito e nunca esquecendo os principios democraticos e de justiça que orientam o governo da Republica, a disciplina militar se restabeleça de um modo firme e proficuo, pelo que chegou o momento em que é preciso e urgente que os officiaes, sargentos, cabos e soldados se compenetrem bem de quaes as suas obrigações e deveres e que todos façam os exigidos esforços, envidem toda a boa vontade e empreguem a mais devotada fé patriotica para que n'uma absoluta ordem e consciente disciplina se estabeleçam, em todos os assumptos militares, e assim o fim que se tem em vista seja alcançado suave e rapidamente e da forma mais radical e completa que seria para desejar.

Sua ex.ª o ministro da Guerra, ao commando dará todo o seu apoio, para que a doutrina expendida se cumpra radical e completamente e espera que tudo se obtenha sem ser necessario empregar medidas de demasiado rigor, o que não obsta comtudo a que esteja na disposição de se utilisar de todos os poderes que a legislação em vigor lhe faculta, para o restabelecimento prompto da ordem e da disciplina, não hesitando em empregar os meios ao seu alcance, por mais energicos que sejam, quando veja ser necessario para que o fim desejado se torne uma realidade.

E' obvio que S. Ex.ª o ministro da Guerra, ao mesmo tempo que a todos os militares exercendo *todos* funcções de commando ou de direcção dará o maximo apoio, tambem a elles exigirá absoluta responsabilidade pelo não cumprimento do recommendado e disposto n'esta circular.

Em harmonia com que fica exposto, S. Ex.ª o ministro da Guerra, determina:

1.º Que seja desde já cohibido que as praças do exercito, a proposito de tudo,cantem a «Portugueza» e quaesquer outras canções patrioticas, pois o abuso n'esses cantos não só lhes tira o respeito a acatar o que sempre devem merecer, como tambem occasiona que nos momentos solemnes não exerçam no espirito do soldado aquella commovente impressão que sempre devem causar.

2.º Que pela acção benefica, que exercem na moral das tropas, haja em todos os regimentos orpheons, que dentro dos quarteis, em occasião de grandes solemnidades e nas marchas para o inimigo entoem hymnos e cantos patrioticos.

3.º Que as tropas nas formaturas mantenham sempre o garbo, a attitude e a galhardia que lhes são attinentes e que seja expressamente prohibido ás praças n'essas occasiões, empunharem bandeiras nacionaes ou conduzirem outro qualquer artigo que não pertença ao seu armamento ou equipamento.

4.º Que nos trez primeiros sabbados a partir da recepção d'esta circular, em todas as unidades se realisem formaturas geraes, afim de que officiaes nomeados pelos respectivos commandantes façam ás praças conferencias sobre o culto da bandeira, explicando lhes o que representa, o respeito que lhe é devido, a veneração que merece, o quanto n'ella ha de elevado e glorioso, que não permitte seja desfraldada senão em occasiões solemnes e sempre cercada do acatamento e das honras, que se lhe deve consagrar.

5.º Que se faça cumprir rigorosamente o que se acha legislado sobre atavio e uniformes de todas praças e officiaes do exercito, afim de que, quer em formaturas, quer fóra dos actos de serviços, todos se apresentem sempre com aquella uniformidade, decencia e compostura, que são a caracteristica de militares modernos, disciplinados e com dedicação profissional.

6.º Que, cumprindo-se tudo quanto se acha determinado sobre instrucção, se executem exercicios tacticos o mais amiudadamente possivel; pois são uma boa escola de energia e caracter, habituam mais que qualquer outra instrucção á iniciativa rapida do commando e á obediencia prompta do subordinado, e, além d'isso, mostra ao soldado o papel importante que o official e o sargento desempenham no combate, de onde resulta racional e convincente respeito e dedicação pelo superior.

O ex.mo ministro da Guerra, que sabe ser esta circular integralmente cumprida e como tem a firme opinião de que a sua doutrina ha de exercer uma acção benefica e proficua no exercito, espera que em breves dias, sob o ponto de vista da disciplina, ordem e instrucção, a normalidade esteja estabelecida em todo o exercito nacional. Reserva-se, comtudo, o direito de apreciar a forma como foi executada, bem como dos resultados colhidos e chamar á responsabilidade todos aquelles que a qualquer determinação não tenham dado exacto cumprimento.

Certamente não terá, porém, senão que louvar, pois como a experiencia sempre lhe tem demonstrado, conta com o amôr profissional e com a dedicação de todos pela Patria e pela Republica.— *Alfredo Ernesto de Sá Cardoso.*

CARTA

Da digna direcção do patriotico *Club dos Gallitos* recebemos a que se segue:

...*Sr. Director de* O Democrata

A Direcção do Club dos Gallitos *desejando manter o bom nome que o tem acompanhado desde a sua fundação, apressa-se a responder a uma local inserta no ultimo numero da* Liberdade *na qual se estranha que aquelle* Club *não tivesse içado a bandeira no dia em que os excursionistas republicanos do Porto visitaram esta cidade. E fal-o d'uma maneira muito simples e clara pois que para isso lhe basta transcrever para aqui o art.º 36.º dos seus estatutos, que diz:*

E' vedado ao Club entrar collectivamente em manifestações policas ou religiosas.

Crêmos que d'esta maneira ninguem terá que censurar a Direcção do Club *que, se peccou, foi por cumprir o seu dever.*

Agradecendo, somos com estima e consideração

A Direcção do Club dos Gallitos.

Prisão e motim

Por causa de ter sido chamado á administração do concelho de Oliveira de Azemeis o commendador João Borges para prestar declarações ácerca d'uns manifestos que na freguezia da Carregosa, onde vive, haviam sido espalhados, alguns populares lembraram-se de entrar na villa, armados de varapaus, foices e outros utencilios de lavoura soltando imprecações contra o administrador e vivas á monarchia, ao rei D. Manuel, etc., pelo que foi requisitada d'Aveiro, para auxiliar a auctoridade na manutenção da ordem e prisão dos cabeças de motim, uma força de infanteria. Como n'outra parte dizemos, essa força já retirou, tendo trazido presos sete individuos tornados responsaveis pelos acontecimentos de que resultou a fuga do commendador. Chamam-se elles José Tavares, Franklin José de Souza, Pedro Ferreira dos Santos, Antonio Ferreira dos Santos, Abilio da Silva Teixeira, José de Mello Junior e Pedro Costa. Ao darem entrada no commissariado, o povo aveirense que teve conhecimento da sua chegada recebeu-os como merecem todos aquelles que se prestam a ser instrumento de malandros que attentam contra a integridade da sua Patria e o bom nome das novas instituições, de que o commendador João Borges era ferrenho inimigo.

A titulo de curiosidade reproduzimos o manifesto a que

acima alludimos e que bem prova do valor da gente que Paiva Couceiro tem aliciado em Portugal para a restauração da monarchia. Vae *ipsis verbis*, sem alteração d'uma virgula, porque, de contrario, era estragar o documento.

Diz assim:

AO POVO CARREGOZENSE

Ex.mos Srs.

A influencia pessoal do povo portuguez, e a crise da nossa querida patria tem estado atravessando um abismo aterrador; pela violencia do actual regimem cabe essa responsabilidade aos homens das passadas administrações e aos homens que prepararam uma implantação da republica em Portugal. Não falta quem conspire contra a republica, é natural, não falta quem deseja o regresso da monarchia. Consta-se que o honrado povo portuguez se vae revoltar contra a republica, porque as eleições que se fizeram não foi por democracia á vontade do povo mas sim uma fraude de deputados nomeados pela autocracia do Directorio Republicano. Temos ao nosso conhecimento e todo o honrado povo portuguez; que em parte ninhuma do mundo ou das reformas modernas se despresou já mais insulentemente o principio da sobrania nacional como a republica portugueza o está despresando em Portugal, nem mesmo no tempo do absolutismo os reis ou fidalgos usaram que uma reforma lhes desse o direito de todos os poderes.

E' necessario que em Portugal fossem todos de bons sentimentos, para o honrado povo portuguez se poder conbinar qual hade sêr a milhor forma de restaurár a monarchia, os republicanos e monarchicos combinar a milhor forma do governo; do contrario da forma actual de violencias e organisação carvonaria, é uma clamidade composta de todas as clamidades em que os homens estão padecendo e teme não haver bem que seja proprio e seguro. Os filhos não tem seguros os seus paes, o rico os seus negocios e capitaes, o pobre a sua honra, o eclesiastico a sua egreja, o religioso a sua fé, e mesmo a imagem de nosso Senhor Jesus Christo não está seguro no adoravel sacramento de nossos altares que em todo o mundo se deve respeita. Hoje os homens que fossem mais ornamentados na virtude serem os mais dignos para exercer o poder de ministros, subir á tribuna sagrada, para dirigir negocios individuaes domesticos e sociaes e tambem para singir uma espada. Quando portugal conquistou as suas grandes batalhas pelos heróes da monarchia que chigou a gosar o triumpho da sua maior gloria. Pinçae bem e formai queridos leitores edialmente o quadro dos homens mais dignos de respeito e de trombetas de fama todos eram exercitados na virtude porque a lei divina é o verdadeiro faról da umanidade. De maneira que o honrado povo portuguez deve de ser firme e d'uma organisação tal que possuem uma faculdade prophetica da vêrdadeira combinação monarchica, as edeias deve de se combinar as paixões o desejo o prazer a coraosidade affectuam em nós uma verdadeira potencia e força extraordinaria para defendermos a nossa patria. A' em portugal brilhantissimas filleiras patrioticas na carreira da terra portuguez, ainda me lembra á ultima hora para acordar o arrojado povo Carregozense que no dia 24 fáz um anno ao Santuario de Lurdes nas terras da Carregosa, este grande pôvo gosou a visita real do jovem Rei—D. Manuel 2.º, cujo dia deve de estar na lembrança de todos e sêr bem respeitado esse dia devemos levantar um viva viva ao nosso monarcha El-Rei D. Manuel 2.º, ao Sr. Bispo de Coimbra que engrandeceu as terras da Carregosa sendo verdadeiro heroe do Christianismo e descipulo de Jesus christo levantemos mais uns vivas aos heroes da monarchia. Viva o povo Carregosense. Viva o grande portuguez da Carregosa, forte valente guerreiro. Nos seus corações tem sentimento pelo Illustre Paiva Couceiro???.

Lisboa—Encontra-se á venda o *Democrata* nos seguintes locaes: *Tabacaria Monaco*, Rocio; *Kiosque Elegante*, idem; *Tabacaria Ingleza*, Praça do Duque da Terceira, 18; *Tabacaria Godinho*, Calçada da Estrella, 25-B.; casa de *João Teixeira Frazão*, R. do Amparo, 52; casa de *Manuel Gomes Geraldo*, Calçada da Estrella, 111.

CONFERENCIAS POPULARES

A EDUCAÇÃO CIVICA E MORAL DO POVO

Extracto d'uma conferencia realisada no Theatro Bejense, em 4 de Junho, pelo sr. padre Manoel Ançã, natural da villa d'Ilhavo

(Continuando do n.º anterior)

Meus senhores:

E' um facto constatado pela historia de todos os povos civilisados que no campo e no mar desenvolvem-se com mais vigor todos os sentimentos de perfeitos e gloriosos deveres, que formam o verdadeiro patriota e o mais rigido cidadão.

A coragem e a constancia geram-se amplamente nas grandes solidões campestres e maritimas, onde é mais livre o ar, mais radiosa a luz, mais explendido o sol, mais pura e mais inviolavel a saude do corpo e do espirito.

O lavrador e o marinheiro, embebidos em seus dilatados horisontes, nos horisontes magnificentes e maravilhosos da natureza, são mais energicos, obedientes, dedicados, virtuosos, tendo o caracter fortalecido, os costumes incontaminados, e a alma como que envolvida n'uma chlamide d'innocencia admiravel, resistente a todos os trabalhos, na hora das formidaveis luctas e dos embates colossaes dos povos.

Lembro-me de ter lido em Tito Livio um grande exemplo de heroismo e d'abnegação, praticado por um lavrador antigo, nado e creado no campo, onde o seu immenso amor á causa sagrada da patria era cultivado com o mesmo esmero com que elle proprio cultivava as suas geiras de terra.

Era em Roma, cidade legendaria e colossal, fremente de corrupção e de extremadas virtudes civicas;—cidade do Capitolio, onde trovejaram eloquentemente as vozes de Cicero e de Marco Antonio:—o Capitolio d'onde saiam os irrevogaveis e tremendos decretos para todo o universo, que dispunham da sorte das nações, do sceptro e do diadema dos reis!

Pois ahi, perto d'essa opulenta e magnificente cidade, existia um honrado lavrador e cidadão romano, de nome Lucio Quincio Cincinato, filho d'uma familia humilde.

Cultivava, segundo a frase do historiador latino, um campo de quatro geiras, que ficava além do rio Tibre, quando os *équos* e os *volscos*, povos visinhos de Roma, se levantaram armados contra ella. O senado nomeou dictador a Cincinato, mandando-o chamar por emissarios, que o foram encontrar todo entregue a lavrar a terra, empunhando por si mesmo a rabiça do arado.

Vae sua mulher Racilia á choupana buscar-lhe a toga, que elle veste, depois de se ter limpado da poeira e do suor, e lá parte para Roma, onde os senadores, os parentes, os amigos e o povo o recebem festivamente.

No dia seguinte, o dictador reune o exercito, prepara-o para a marcha e para a peleja e toma o commando das legiões. Vae ao encontro do inimigo e dá-lhe batalha e fere-o e prostra-o e vence-o e derrota-o e toma-lhe os arraiaes e obriga-o a passar desarmado pelo *jugo*, e volta a Roma com o seu exercito, levando os chefes inimigos ante o seu carro triunfal. Faz entrar nos cofres do estado as riquezas que lhes tomou, e, ao cabo de 15 dias, depois de Roma pacificada, renuncia á dictadura, que lhe foi dada por seis mezes, e regressa modestamente e pobremente á sua vida campestre, rejeitando honras e recompensas, com que o senado republicano pretendia galardoar os seus prestantes serviços.

Amigo da patria e da Republica, que serviu desinteressadamente, Cincinato é um exemplo muito notavel da virtude dos homens do campo, que a historia jámais esquecerá, seja qual fôr a evolução das ideias politico-sociaes, atravez do tempo e do espaço.

A historia da revolução francêsa tambem nos mostra um quadro—quadro tragico, sim, mas immensamente grande e assombroso, cheio de civismo dos homens do mar.

Era em 1794, quando a França, impellida no pendor d'uma cratera interna de sangue, escancarada pela sua espantosa revolução, viu alliadas contra si as potencias da Europa, n'um brado de terror e de reprovação geral. Junto de Brest, cidade maritima do territorio d'essa republica, a sua esquadra apresentou batalha á esquadra inglêsa, que era commandada pelo almirante Howe. N'esse combate maritimo, um navio da esquadra francêsa—*O Vingador*, foi rodeado e atacado por tres navios inimigos. O seu capitão caiu partido em dois pedaços; os seus officiaes foram destruidos; os seus marinheiros desimados pela metralha; e os mastros, enxarcias, cordame, velame,—tudo jazia estilhaçado e reduzido a cinsas. A tripulação do *Vingador*, embriagada até ao delirio da febre pela ideia suprema da defeza da patria, prega a bandeira nacional—a bandeira da revolução republicana,—no tôpo de um mastro, e á medida que a vaga vae enchendo o porão e submergindo o navio, coberta por coberta, dispara contra o inimigo os canhões das baterias innundadas de agua.

Depois, sobe á bateria superior a descarregar novamente!

E, quando o navio já sossobra, como um cadaver titanico, agitando-se nas derradeiras convulsões da agonia; quando as ondas, alterosas, enraivecidas, espumantes, vão lamber-lhe o convez, n'um beijo de morte inevitavel, faz estrondear ainda as ultimas descargas á superficie do mar! E essa homerica tripulação, impavida, inergica, indomavel, n'esse naufragio heroico, ao afundar-se com o navio, perante a admiração e o respeito dos inglêses, que voam com suas embarcações para a salvar, levanta, n'um ultimo arranco d'alma, este grito immorredoiro: *Viva a Republica!*

Grande, immenso, inenarravel exemplo de dever!

Tambem nós, os portuguêses, temos na explendida epopeia da nossa historia de oito seculos, admiraveis lições de civismo:—lições antigas e modernas, offerecidas no altar da patria, pelo humilde povo do campo e da beira-mar,

em perigos e guerras esforçado,
mais do que permittia a força humuna.

Fala mais alto do que a minha voz o brado incorruptivel das ovações triunfaes, que se levanta da historia universal, para celebrar o valor dos portuguêses, manifestado em mil pradigios gloriosos, por terra e por mar.

Falam esses tres monumentos insignes da arte e do genio: a *Batalha*, os *Jeronymos* e os *Luziadas*, que attestarão as antigas virtudes civicas dos portuguêses, emquanto esta victoriosa lingua de Camões tiver éco sobre a terra generosa e santa de nossos paes.

A Batalha, os Jeronymos e os Luziadas! Tres monumentos, que são a nossa honra e o nosso orgulho, a prosapia do nosso nome e o timbre do nosso espirito. Ciframse n'elles os feitos incommensuraveis do nosso braço gigantesco e as rútilas fulgurações do nossô cerebro audacioso. Tres monumentos peregrinos, que se estadeiam como formosos trofeus da nossa ingente gloria, a gloria d'esta raça primacial do ciclo cavaleiresco—raça distincta entre as distinctas do mundo.

A Batalha, os Jeronymos e os Luziadas! Que maravilhas! Que portentos! Que milagres maximos do arrojo potentissimo da arte e do engenho humanos, partureja dos no solo uberrimo d'um povo preexcelso! Tres poemas, e que poemas perennente assombrosos! Na Batalha e nos Jeronymos, a filigrana d'aquellas pedras, o relevo d'aquelle marmore, aquellas rendas finissimas, talhadas e recortadas pelo cinzel do artista, falam da epica bravura dos portuguêses, de seus tenacissimos commettimentos, que dilataram a fama do nosso nome e as conquistas da civilisação.

A basilica da Batalha simbolisa a alma prodigiosa da patria, que escrevêra com a ponta do montante na batalha titanica d'Aljubarrota o famoso poema da independencia nacional.

A basilica de Belem traduz o cantico da nossa epopeia maritima, anotado n'aquella musica genial d'ennastres, entoado n'aquella orchestração de rendilhados architectonicos, na poesia d'aquellas grimpas esguias, nas estrofes d'aquellas flechas immensas, arremessadas e arrojadas para o espaço, como uma prece fervorosa, erguida do seio da patria para o seio do immenso Amor, ou como uma aspiração indefinida para o Ideal supremo do Bem!

E os Luziadas? Oh, os Luziadas!

Que portuguêz haverá que não sinta desferir em sua alma a corda tensa e vibrátil do patriotismo, ante os versos immortaes dos Luziadas? Que luso coração não se embevecerá ao deletrear, ao lêr aquella obra-ciclica do estro inimitavel do poeta, aquella obra-seculo de Camões, onde se canta sonorosamente o esforço, a energia, a abnegação, a audacia d'este povo e os feitos estrondosos de seus homericos emprehendimentos?

Os Luziadas!... Relampagueia nas estancias rithmicas d'aquelle poema o fogo intenso do genio, n'ellas pulsa consubstanciada uma paixão nobilissima—o maior, o mais santo, o mais fervente dos amores, o amor da patria. As arrojadas concepções de suas imagens sempre vividas relembram a incandescencia dos tercetos de Dante e o sombrio terror das visões apocalipticas. Na mente de seus athleticos personagens adivinha-se o ruido electrico do enthusiasmo e da bravura, presente-se o estrondear tempestuoso d'uma batalha d'ideias tipicas, audaciosas, épicas, tal como no peito herculeo dos gigantescos heroes d'uma *Iliada*, ou no cerebro titanico dos lendarios guerreiros d'uma *Odisseia*.

Que tenacidade, que assombro n'aquella singular peregrinação, n'aquella viagem maritima do Gama, em lucta formidanda com as furias do *Tormentorio* e com as raivas procelosas do *Adamastor*, demandando, como argonauta destemido, nos tres baixeis aventureiros, as longinquas plagas da misteriosa, da simbolica, da balsamica, da ridentissima India, desenhada peregrinamente ao longe, na curva cerulea do horisonte, pela phantasia sonhadora do luso capitão, vislumbrada por Alexandre Magno, procurada por Trajano, appetecida e sonhada pelos potentados do mundo—a India, a aurifera, a esbelta, a gentilissima India, empolgada por fim ao imperio do incógnito, desvendada aos olhos maravilhados das nações e offerecida pela intrepida pericia dos nossos navegadores ao preclaro dominio de Portugal! E tudo isto pinta inexcedivelmente Camões n'aquella epopeia de nossos descobrimentos maritimos, e tudo isto resalta dos cabiantes da arte e tudo irrompe dos tons magicos da poesia e tudo isto brota do colorido genial das estrofes e tudo isto descreve magistralmente o Poeta sublimissimo n'aquella musica de decassilabos primorosos, que synthetisam o nosso orgulho e n'aquelle côro altisonante de rimas octonadas, que symbolisam a nossa gloria!!

Quando a cidade de Colombo, capital de Ceilão, foi cercada e bloqueada pelas hostes hollandezas, n'um assedio longo e terrivel, em que perdemos heroicamente essa explendida perola do nosso imperio oriental, um punhado de portuguêses, que após uma resistencia titanica desfilou pela brecha fumegante de bandeira alçada e de arcabuses ao hombro, por entre o assombro do vencedor, n'uma honrosa capitulação,—esse mesmo punhado de egregios paladinos, nas muralhas desmanteladas e nas trincheiras das ruas, extenuado pela fome e livido pelo cançaço, entoára febrilmente n'um arranco de bravura sublime, como cantico de sua maior gloria, os versos encantadores dos Luziadas!

Tambem nós, os descendentes d'essa fidalga e benemerita phalange de nobres campeadores, n'esta solemne conjunctura, n'este momento historico, em que parecem mugir lugubremente á volta de nós as ondas alterosas das ambições da Europa, devemos gravar no fundo d'alma a lição eloquentissima dos laureados e valorosos defensores de Colombo, embora tenhamos de succumbir na lucta ou de morrer pelejando.

O nosso passado é brilhante para accender em nós a flamma do enthusiasmo; a nossa historia epicamente distincta entre as illustres do mundo, para vibrar a fibra do patriotismo.

Emfim, tudo quanto existe de bello nos fastos luminosos do nosso passado excelso e nas paginas fulgurantes da nossa inclita historia:—heroismo, denodo, sacrificio, abnegação, civismo, amôr, bravura... tudo se compendia, tudo se orchestra, tudo campeia n'aquelles hymnos formosos, n'aquelles psalterios consonantes, n'aquelles poemas immortaes: a Batalha, os Jeronymos e os Luziadas!...

Ah! Tal como vós não podeis encerrar n'uma só concha a imponente grandeza do oceano, assim eu tambem não me atrevo a condensar n'um jacto d'elocução as maravilhas luzentes da nossa historia.

(Conclue)

Noticias d'Africa

Uma carta do Chinde, recentemente chegada, trouxe-nos noticias de dois amigos velhos: Raul Vidal, alferes pharmaceutico e Bento Casimiro Feyo, major reformado a quem o partido republicano deve bastantes serviços prestados no tempo da propaganda e quando ainda quasi que constituia um crime fallar-se em Republica. São ambos muito conhecidos em Aveiro, onde viveram antes de irem para o ultramar, tendo-se affirmado sempre dois espiritos liberaes, rectos e independentes.

Bento Casimiro é irmão do nosso correligionario Elysio Filinto Feyo, conhece a Africa como poucos e portanto nas condicções está de poder desempenhar agora n'essas longiquas paragens qualquer cargo de que a Republica o incumba, porque tem meritos e possue qualidades de trabalho excepcionaes.

O *Democrata* cumprimenta os seus dois amigos.

Vida militar

Parece ter-se complicado a questão dos aquartelamentos.

As duas unidades, infanteria e cavallaria, não cabem no quartel de Sá. E' facto resolvido que só o regimento de cavallaria 8 ali ficará aquartelado.

Na quarta-feira esteve aqui um official de engenharia, afim de estudar esta questão, que é de capital importancia para Aveiro.

Verificou que o convento de Jesus, sem as dependencias destinadas ao muzeu, é insufficiente e improprio para quartel d'um regimento d'infanteria com dois batalhões, que terá um effectivo não inferior a 500 homens, durante os periodos da instrucção.

Verificou ainda o mesmo official que o edificio do *Azylo Districtal* é um quartel magnifico para os dois batalhões, e de mais, podendo valorisar-se o antigo convento de Santo Antonio que poderá ser adoptado a uma caserna, n'um caso de necessidade, ou para uma qualquer dependencia sempre indispensavel a um aquartelamento.

A questão parece estar n'este pé: ou o edificio do Azylo é cedido para o quartel do regimento d'infanteria, ou uma das unidades para aqui destinadas, terá que ser aquartelada n'outra localidade, porque no convento de Jesus, na parte disponivel, não cabe, e no antigo quartel de Santo Antonio, é necessario dispender-se a quantia de mais de vinte contos para a sua adaptação, com o que não podemos contar.

Apelamos pois para aquelles que podem intervir na resolução d'esta questão, afim de não ficarmos privados d'um beneficio de incontestavel vantagem para a vida economica d'esta cidade.

Ha difficuldades em ceder o Azylo ao regimento? Eliminem-se essas difficuldades, e pensemos só no interesse da nossa terra.

= Já se encontra em Aveiro afim de preparar o alojamento do seu regimento, e portanto aguardando a resolução da questão a que acabamos de nos referir, o sr. coronel de cavallaria n.º 8, Antonio Augusto da Silva, que veio acompanhado do seu ajudante, sr. capitão Balsemão.

= Regressou, na segunda-feira, de Oliveira d'Azemeis, a força d'infanteria 24 que sob o commando do sr. tenente Ferrão ali tinha ido afim de auxiliar a manutenção da ordem publica.

= Partiram na segunda-feira para Lisboa, todas as praças dos regimentos da capital que estavam fazendo serviço em infanteria 24. Foram acompanhadas pelos srs. tenente Figueiredo, alferes Sarsfield e 2.os sargentos, Vasconcellos, Netto e Oliveira.

= Por ordem da secretaria da Guerra, foi collocado no regimento 24, o sr. major Paixão, que pela ultima ordem do exercito, havia sido promovido para infanteria 11.

NOTAS DA CARTEIRA

Esteve em Aveiro o nosso correligionario, sr. Feliciano Alves Lobo, conceituado negociante da praça do Porto.

= Fez na segunda-feira annos o nosso amigo João Pedro Ruella, digno tenente de infanteria 24.

= Recebemos a visita do sr. Guilherme Pereira da Silva, da Oliveirinha, em casa de quem esteve hospedado durante alguns dias seu primo, o sr. José Maria d'Almeida, que já retirou para Lisboa.

=Acha-se na praia do Pharol com sua familia o capitalista, sr. Manuel Marques da Silva.

=Regressou de Villa Franca, reassumindo as funcções do seu cargo, o digno administrador do concelho e commissario de policia, sr. Beja da Silva.

=Teem estado em Aveiro os srs. dr. Henrique da Rocha Pinto, conservador do registo civil em Setubal; dr. Elysio de Lima, juiz de Direito de Vimioso e Alberto Souto, deputado ás Constituintes.

=Completamente restabelecido dos seus encommodos, honrou-nos hontem com a sua visita n'esta redacção, o digno capitão do porto, sr. Julio Ribeiro d'Almeida.

Representação—protesto

Foi-nos pedido a publicação do seguinte:

A Commissão Municipal Administrativa d'Oliveira do Bairro, que tambem desempenha a funcção politica, tendo conhecimento do decreto no qual se nomeia para o cargo de sub-inspector o professor d'esta villa, Manuel da Maia Romão, cumpre o dever de manifestar o seu mais vehemente protesto, que vae até á declinação da investidura dos seus cargos, caso não seja dada a satisfação de se revogar a injustiça praticada. Essa nomeação, que veio restaurar os processos monarchicos a dentro do regimen da Republica, implantando de novo o caciquismo; essa nomeação que traduz o desprezo por os direitos incontestaveis de outros cidadãos, não póde nem deve ser mantida por principio algum.

Esta Commissão que não tem sido ouvida para qualquer acto politico a realisar na area das suas attribuições, antes se vê supplantada pela influencia pessoal junto dos Ministros, sente com profundo desprazer, no caso presente, em que os meritos da incompetencia e de obediencia thalassica, a par de um passado doloroso no cumprimento dos deveres profissionaes são apreciados além dos merecimentos de outros cidadãos de caracter republicano bem manifesto, com sobejas provas do seu saber, da sua competencia e do seu dignificado trabalho sempre assiduo e fructificativo. Acceitamos a politica de attracção para os homens sérios e dignos que se encontravam desalentados, inertes por falta de estimulo no campo monárchico, mas comprehendemos que ella deve deixar de galardoar aquelles que não possuem a menor noção dos seus deveres civicos, não devendo tambem preterir direitos superiores, e ainda menos expulsar os republicanos de sinceridade e sacrificio. Os tópa-sub-inspecções não necessitam ser attrahidos; elles pertencem á classe parasitaria da defunta monarchia acastando-se a todos os pontos politicos, desde que se lhes prometta a fruição de mais alguns miseros cobres. Antes, sim, elles precisariam de serem chamados ao cumprimento dos seus deveres profissionaes e politicos, afim de se conseguir rehabilitar a escola e exemplificar.

Contra o professor Manuel da Maia Romão, ha queixas varias; umas por abandono da escola, outras pela sua dependencia indubitavel do predialismo. E, se esta corporação administrativa e politica não tem procedido energicamente, é sómente porque ella não é partidaria dos processos ultra-radicaes, e bem ao contrario deseja uma politica benevolente e generosa. Mas que a generosidade não vá nunca além do acto do perdão; e assim mesmo quando este acto não possa prejudicar a tranquilidade da Republica e seu desenvolvimento progressivo. O professor Romão, além das faltas de bom comportamento escolar, é um inapto e ainda pertense á 2.ª classe do professorado. Se bom comportamento existe, elle é apenas da responsabilidade do sub-inspector do circulo, porque o povo do concelho conhece o desprezo e abandono constantes da escola da villa pelo seu professor.

Portanto, se o professor Romão, que ainda se deve considerar um dependente dos immensos favores dos prediaes, e este beneficio ultimo ahi tem a sua origem, se elle tem sido sempre irregular no cumprimento dos seus deveres profissionaes, se elle está na 2.ª classe, havendo no districto profissionaes de 1.ª classe, sem duvida, mais aptos e instruidos, cumpridores dos seus deveres, accentuadamente republicanos, como havemos de conformar-nos com uma tão flagrante injustiça?

Temos estado dispostos ao sacrificio pela causa da Verdade e da Justiça; não continuaremos a nossa difficil jornada se o ex.mo Ministro do Interior deixar de attender e reparar as nossas regalias offendidas, os direitos postergados d'outros cidadãos, annulando aquelle despacho, que, decerto, lhe foi arrancado por fórma enganosa e perfida. Não merecemos acompanhar a po-

litica que enveréda pelo caminho da desigualdade e despreza os direitos individuaes e collectivos. E assim, desde já depômos os nosso mandato, se a reparação não fôr conveniente ás affirmações dos principios republicanos e democraticos.

(*Seguem-se as assignaturas da Commissão Municipal*).

O adiantado da hora a que recebemos este protesto inhibe-nos de o commentar devidamente como era nosso desejo. Entretanto sempre diremos que a attitude da Commissão Municipal de Oliveira do Bairro é de molde a merecer o applauso de todos os bons republicanos, que n'este caso, como em outros semelhantes, nunca poderão deixar de estar ao lado dos que pretendem manter integra a sua honestidade partidaria, contra os exploradores e incompetentes, que pela frente lhes apparecem a querer tomar-lhes o passo.

Nada; isso é que não. Ha marmanjos que em vez de ser *attrahidos* precisam mas é de ser afastados para bem longe por causa das duvidas. E' o unico meio da Republica se poder sustentar.

Livros

Recebemos do sr. Antonio Augusto Mendes Corrêa um volume de 184 paginas intitulado *O genio e o talento na pathologia*, em que o seu auctor disserta com notavel competencia e rigorosa observancia sobre assumptos de medicina, cujo curso terminou este anno, no Porto, com honrosa distincção.

Ao sr. dr. Mendes Corrêa os nossos parabens e agradecimentos.

=O sr. dr. Cherubim do Valle Guimarães, conhecido advogado nos auditorios d'esta comarca, brindou-nos tambem com um opusculo da sua lavra, que tem por titulo *A investigação de paternidade no campo da moral e das leis*. E' uma série de allegações juridicas que apresentou n'um processo de investigação de paternidade illegitima, como patrono d'uma das partes, e que lhe deu margem á producção d'este trabalho intelligentemente deduzido, consciencioso e bem orientado.

Agradecemos.

=Trouxe-nos o correio o novo diccionario portuguez-hespanhol de que é auctor o sr. Frederico Duarte Coelho e que constitue um grosso volume de 1:150 paginas ao preço de 1$600 réis.

E' impresso em bom papel, sobresahindo na capa os bustos de Camões e Cervantes e respectivas bandeiras portugueza e hespanhola.

Muito obrigados ao sr. Duarte Coelho pelo exemplar com que nos distinguiu.

=*As doenças da vontade*, por Th. Ribot, é uma nova obra, de um alto alcance psychologico, em que o seu auctor nos mostra as diversas phases porque pode passar a vontade em todas as creaturas. Desde o recem-nascido, que opera quasi mecanicamente, talvez por sentimentos hereditarios, até ao homem completamente seguro dos seus actos e dos seus desejos, a natureza humana apresenta tantas modalidades que chegam ás vezes a confundir o mais profundo observador. N'uns apresenta-se a expressão da vontade com uma tenacidade férrea; n'outros chega quasi ao estado de inercia. São estas *doenças* que Ribot nos apresenta no seu esplendido livro, que vem enriquecer ainda mais a valiosa collecção espalhada pela Empreza da *Bibliotheca d'Educação Nacional*.

O leitor que deseje consagrar a sua attenção aos problemas que tanto tem preoccupado os sabios e os philosophos, procurando a pedra philosophal do espirito humano, tem n'esta obra um precioso auxiliar. N'um estylo despretencioso e ao mesmo tempo altamente scientifico, o livro *As doenças da vontade* merece um logar escolhido nas bibliothecas de todos os que procuram instruir-se, proporcionando ao mesmo tempo a si proprios algumas horas de leitura agradavel.

=Acaba de ser posto á venda tambem, o primeiro tomo da *Nova collecção de leis da Republica Portugueza*, approvadas pelas Constituintes, e que a Empreza editora da *Bibliotheca d'Educação Nacional*, a primeira que deu começo á publicação de todos os decretos do Governo Provisorio da Republica, emprehendimento que lhe proporcionou um acolhimento muito lisongeiro, fez editar.

Esta Bibliotheca, que já poz á venda 47 folhetos com 210 decretos ao preço de 50 réis cada folheto, contendo uma ou mais leis extrahidas meticulosamente da folha official, resolveu encetar desde já a publicação, com a maxima urgencia, de todo o conjuncto de leis que o Parlamento vae sancionando, assegurando que a reproducção será feita exclusivamente pela folha official e com o maximo cuidado.

A *Nova collecção das leis da Republica*, levará todas as indicações de referencias aos codigos em vigor.

E' esta a primeira publicação no genero, mais util, completa e economica, até hoje apresentada no nosso meio, representando sem duvida o maior auxiliador de todos os cidadãos.

A distribuição é feita em tomos de 32 paginas ao preço extremamente economico de 60 réis.

Tanto o novo livro *As doenças da vontade* como as leis da Republica se encontram á venda em todas as livrarias, podendo, todavia, tambem os pedidos serem feitos á *Typographia Gonçalves*, R. do Alecrim, 82—Lisboa.

Sessão da Commissão Administrativa Municipal d'Aveiro, de 27 de Julho de 1911.

Presidencia do cidadão dr. Carlos Alberto da Cunha Coelho. Compareceram os vogaes Daniel Gomes d'Almeida, Manuel Augusto da Silva e Pompilio Simões Souto Ratolla.

Acta approvada, em seguida ao que foram presentes e deferidos:

Trez requerimentos para licença de construcção, de Antonio Julio Marinhas, de Cacia; Joaquim Domingues da Anna, de Nariz; e José Simões Ramos, de Esgueira;

Um da directora da secção feminina do *Asylo-Escola Districtal*, pedindo a sua exoneração do cargo, que foi acceite;

Outro de Angelo Joaquim da Silva, negociante da rua dos Mercadores, solicitando licença para a collocação d'uma taboleta na fronteira do seu estabelecimento; e

Outro de Manuel Fernandes Rangel, de Arnellas, para atravessar, sem prejuizo publico, a estrada d'aquelle logar, com um encanamento d'aguas para propriedade que alli possue;

Um officio da direcção das Obras publicas do districto pedindo o prehenchimento d'um mappa relativo ao inquerito de salubridade nas povoações do concelho; e

Outro da Associação dos Empregados do Commercio local ponderando que não é cumprido o regulamento do descanço semanal no concelho, e que a camara tomou em consideração.

Resolveu mais:

Suspender os vencimentos ao facultativo municipal de Cacia, até ulterior deliberação, por se ter ausentado sem licença;

Nomear o seu presidente para a representar no collegio eleitoral que, nos termos do aviso de 13 do corrente, publicado na folha official n.º 162, tem de reunir ámanhã no governo civil;

Reprehender e prevenil-os de que o faz pela ultima vez, os guardas Antonio Joaquim Rufino, João Graça e Antonio d'Oliveira Vinagreiro, por irregularidades praticadas no serviço; e

Levantar da *Caixa Geral dos Depositos* a quantia de 419$991 réis, que alli tem do seu fundo de viação.

CORRESPONDENCIAS

Cacia, 2

Effectua-se no dia 13 do corrente a festa da Senhora do Rosario, com pracissão, a qual será abrilhantada pela musica de S. João de Loure.

O juiz, sr. José Maria Azevedo tem trabalhado activamente para o seu bom exito.

=Acha-se na sua casa de Sarrazolla a familia do nosso dedicado correligionario, sr. João Ferreira, que tambem é aqui esperado, vindo de Lisboa, no fim d'esta semana.

=Esta freguezia está sendo visitada, ao domingo, por bastante gente d'Aveiro que, aproveitando os muitos comboios que agora ha, vem passar o dia ou a tarde ao rio Vouga.

O passeio, realmente, é dos mais agradaveis.

=Continuam os trabalhos do campo mostrando-se os lavradores satisfeitos pelo bom principio que veem á novidade.

C.

Pará, 15 de julho

Constou que pelo vapor inglez *Augustine*, que partiu d'aqui em 7 do corrente, tinham ido alguns *thalassas* portuguezes para se reunirem aos conspiradores que se acham em Vigo; mais tarde, porém, soube-se não ser exacta a noticia.

=Um grupo de republicanos portuguezes enviou ao sr. Jorge Corrêa, presidente da assembleia geral do *Gremio Litterario Portuguez*, uma bandeira da Republica para ser hasteada no mencionado Gremio no dia 9 do corrente.

Pode-se dizer que este facto foi um grande acontecimento pois os *thalassas* ficaram desesperados por os republicanos lhes fazerem engulir mais esse osso.

=Dissemos ha tempo, que ia ser reorganisada a defuncta *Liga Portugueza de Repatriação*, porém, até hoje não consta que tenha resuscitado. Se houvesse quem lhe applicasse algumas ventosas, talvez...

=Realisou-se no dia 9 do corrente uma grande manifestação, como não ha memoria de ter havido outra egual, ao sr. dr. João Coelho muito digno governador d'este Estado, pelo seu anniversario natalicio, aonde se fizeram representar todos os municipios do Pará assim como tambem muitas associações e o *Centro Republicano Portuguez*, e o sr. dr. Emilio Corrêa d'Amaral, digno consul portuguez.

=Infelizmente, devido ao baixo preço da borracha, que actualmente regula por 4$000 o kilo, a crise commercial já se manifestou.

=Está provocando commentarios, o facto do sr. commendador Jorge Corrêa ter mandado, ha dias, gravar o titulo de—Real Fabrica Palmeira—no passeio da rua, em frente á mesma fabrica.

=Um grupo de velhos republicanos portuguezes, abriram entre si uma subscripção para comprar uma mobilia completa para offerecer ao nosso consul, sr. dr. Emilio Corrêa d'Amaral, o qual gosa de geraes sympathias no seio da colonia portugueza.

A subscripção attingiu a quantia de 3:360$000 réis entre 45 subscriptores.

Devemos dizer que o consulado portuguez estava pobre de mobilia devido ao desleixo dos governos da nefasta monarchia.

=Realisou-se no dia 12 do corrente a sessão de assembleia geral do *Gremio Litterario Portuguez* para tratar de assumptos constantes da convocação feita pela imprensa.

Por unanimidade de votos foi approvado o pedido de renuncia da directoria, sendo, tambem, annullado o acto da mesma demittindo o seu 2.º secretaria Rufino Pinho de Campos.

Esta sessão decorreu agitada devido á opposição que os republicanos fizeram aos concorrentes monarchicos que, é ultima hora, sabendo que não venciam, desistiram de ir á urna, sendo por tanto a victoria dos republicanos portuguezes.

Este acontecimento tornou-se bem conhecido do publico paraense em vista dos insultos que os monarchistas portuguezes dirigiram, por meio da imprensa, á bandeira republicana portugueza e tambem aos republicanos.

E para que os amaveis leitores d'*O Democrata* não pensem que exageramos, transcrevemos d'um jornal d'esta capital, o seguinte:

Gremio

Até que afinal conseguiram os seus ruins intuitos esses buissas *desalmados que por ahi vegetam!*

Lá esteve hasteada, no domingo, na fachada do Gremio, a belleza da tal bandeira, *apezar de alguns verdadeiros patriotas terem protestado contra essa affronta aos nossos brios!*

O sr. presidente exorbitou das suas funcções, deliberando de motu-proprio, contrariando assim a maioria dos seus collegas de directoria, que protestaram cathegoricamente contra tal resolução.

Mas, não ha duvida. Nem tudo está perdido. A'manhã é que ficará definitivamente resolvido este momentoso assumpto.

Ou se hasteia a bandeira azul e branca na fachada do nosso Gremio, ou então deixará de existir, n'esta terra, mais uma sociedade portugueza, de cuja tradição todos nós deviamos orgulhar-nos.

(a) *Muitos socios.*

Isto ainda não é tudo; ha mais e melhor, mas ficará no tinteiro devido á falta de espaço com que lucta o *Democrata*.

O insulto que a cima se lê conjunctamente com outros, tambem publicados na imprensa, como acima dissemos, deram origem a que se reunisse no dia da eleição do *Gremio* grande numero de republicanos portuguezes não só para vencer a dita eleição como tambem para fazer engulir os bocados de papel aonde se acham os insultos escriptos, e para lhes fazer beijar a actual bandeira; mas os monarchistas mais em evidencia não compareceram tendo apenas sido visto um tal ex-padre Xavier que ainda foi alvo de algumas bengaladas, não proseguindo o conflicto devido á intervenção do sr. Jorge Corrêa e de diversos republicanos, que o foram esconder na alfaiateria Ramos.

Escapou assim...

=Realisou-se hontem, pelas 8 e 1/2 horas da noite, no *Centro Republicano Portuguez*, a posse da nova directoria cujo mandato termina em 14 de julho do proximo anno.

Assistiu ao acto um grande numero de socios convidados e tambem a commissão da *Liga Moral de Resistencia*, sociedade que ainda ha pouco se fundou n'esta capital, para combater as ordens religiosas.

Achando-se tambem presente o consul portuguez, foi este convidado a presidir, mandando em seguida proceder á leitura da acta, da ultima sessão a qual foi approvada.

Depois, o sr. Pereira, ex-vice-presidente do *Centro* deu principio á leitura do relatorio do qual se conclue que de todos os *centros* do Brazil foi o que mais concorreu monetariamente para os cofres do Directorio do partido republicano portuguez. Terminada a leitura, diversos oradores fizeram uso da palavra, sendo todos elles muito ovacionados.

Esta festa teve em vista não só a posse da nova directoria como commemorar a data da tomada da Bastilha e tambem festejar o 3.º anno da fundação do *Centro*, que tem prestado á colonia portugueza relevantes serviços.

C.

Ultima hora

EM BOLANDAS

Dizem de Madrid que o prefeito de policia intimou Homem Christo, filho, tambem conhecido pelo *Carèquinha*, a sahir da capital de Hespanha no praso de 48 horas, porque não respondia pela sua segurança pessoal.

O intimado objectou que talvez não lhe fosse possivel, mas o prefeito insistiu decedindo-se, então, o *Carèquinha* a partir logo para Paris e Londres tendo antes uma entrevista com o pae *Capirote* e Pinheiro Torres, que haviam chegado a Madrid expulsos de Mondariz.

Aqui está no que deram os dois *talentosos* portuguezes de *ideias avançadas*...

Batalhão de Voluntarios

E' convocada para hoje á noite uma reunião de todos os alistados no Batalhão de Voluntarios da Republica, para ser resolvido um assumpto importante e inadiavel.

Caso não surja alguma difficuldade o referido Batalhão irá no domingo á carreira de tiro da Gafanha devendo atravessar a cidade, em ordem de marcha, pelas 5 horas da manhã.

Tumultos em Lisboa

Não tiveram a importancia que muita gente lhe quer dar os acontecimentos que produziram ante-hontem em frente ao palacio das Côrtes individuos sem cotação e cujo fim era apenas provocar desordens, visto não ter chegado a saber-se o que desejavam.

Hontem, segundo carta recebida, houve completo socêgo tendo sido presos pela policia judiciaria alguns membros d'um grupo chamado *Vigilancia Social* que é, ao que parece, o responsavel por o que se deu.

Annuncios

Concurso

A Camara Municipal do concelho de Vagos

Faz publico que se acha aberto concurso por espaço de trinta dias a contar da publicação do segundo e ultimo annuncio no *Diario do Governo*, para provimento do logar de Escrivão da Secretaria d'esta camara com o ordenado annual de 180$000 réis, e competentes emolumentos.

Os concorrentes deverão apresentar na secretaria da mesma camara, dentro do referido praso e em fórma legal, os seus requerimentos instruidos com os documentos exigidos por lei.

Vagos, 29 de julho de 1911.

O Vice-Presidente,

Aurelio Marques Mano.

Editos de 30 dias

2.ª PUBLICAÇÃO

Pelo Juizo de Direito da comarca d'Aveiro, cartorio do escrivão do 3.º officio e nos autos de artigos de habilitação requeridos por José Reynaldo Rangel de Quadros Oudinot, viuvo, proprietario, residente na freguezia da Gloria d'esta cidade, nos quaes este pretende habilitar-se como herdeiro de sua esposa, a fallecida D. Maria do Carmo Street Rangel de Quadros, que em solteira se assignava Maria do Carmo Street Rangel de Quadros da Costa Monteiro, e ainda para o effeito de como tal lhe serem averbadas quatro inscripções de assentamento emittidas por virtud do decreto de 18 de dezembr de 1852, do valor nominal d 500$000 réis cada uma com os n.os 10:257, 14:428, 15:304, e—51:926 e mais outra emittida por virtude do mesmo decreto, do valor nominal de réis 1:000:000 e com o n.º 161:571, correm editos de 30 dias contados da segunda publicação d'este no *Diario do Governo* a citar os interessados incertos para na 2.ª audiencia depois de findo o praso de editos verem accusar a citação e seguirem os termos até final.

As audiencias n'este juizo fazem-se todas as segundas e quintas-feiras de cada semana não sendo feriados, no tribunal judicial d'esta comarca sito na Praça da Republica d'esta cidade.

Aveiro, 18 de julho de 1911.

O escrivão do 3.º officio,

Albano Duarte Pinheiro e Silva.

Verifiquei

O Juiz de Direito,

Regalão.